

## Refletindo sobre o Ecumenismo

*Julio Fontana\**

*A 9ª Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas aconteceu em Porto Alegre, Brasil, de 14 a 23 de fevereiro de 2006, tendo como tema "Deus em tua graça, transforma o mundo".*

O Conselho Mundial de Igrejas (CMI) possui alguma relação com o movimento ecumênico? Pelo próprio nome que carrega já podemos notar que todas as ações praticadas pelo CMI desembocam no ecumenismo. O que é um conselho? Segundo Houaiss, conselho é "opinião, parecer; bom senso, sabedoria; corpo consultivo e/ou deliberativo de uma instituição pública ou privada".<sup>1</sup> Parafraseando Houaiss, conselho é um corpo consultivo que emite opiniões com bom senso e sabedoria. O bom senso entre as opiniões e expressões da maior parte das denominações cristãs mundiais pode por nós ser chamado de diálogo ecumênico. Destarte, o CMI é uma entidade que pratica o diálogo ecumênico.

### 1- A origem do Conselho Mundial de Igrejas

Da Conferência Missionária Mundial realizada em Edimburgo em 1910, originaram-se três movimentos:

- a) **Fé e Ordem** é um movimento dedicado a trabalhar pela reconciliação das denominações divididas. As conferências foram realizadas em 1927, Lausanne e em 1937, Edimburgo.
- b) **Vida e Trabalho** é movimento preocupado com a relação da fé cristã com as questões sociais, políticas e econômicas. As conferências foram realizadas em 1925, Estocolmo e em 1937, Oxford.
- c) **Concílio Missionário Internacional** foi formado em 1921 e em 1961 se integrou formalmente ao Conselho Mundial de Igrejas.

Ambas as conferências de Vida e Trabalho e Fé e Ordem de 1937 aprovaram a formação de um Conselho Mundial de Igrejas e uma conferência em Utrecht em 1938 esboçou sua constituição. Mas a guerra retardou o seu lançamento formal por mais dez anos. O Conselho Mundial de Igrejas foi formalmente constituído em 1948 em Amsterdã por delegados de 147 igrejas de 44 países. Hoje ele congrega mais de 340 igrejas, denominações e associações de igrejas em mais de 100 países e territórios no mundo, representando cerca de 400 milhões de cristãos e incluindo a maioria das

---

\* O autor está graduando em teologia e reside no Rio de Janeiro. Escreveu diversos artigos e resenhas para as revistas Inclusividade do Centro de Estudos Anglicanos e Teologia e Cultura da Editora Paulinas. Qualquer dúvida ou sugestão entre em contato pelo e-mail: [juliofontana@click21.com.br](mailto:juliofontana@click21.com.br).

<sup>1</sup> HOUAISS, Antônio, *Minidicionário de Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro: Objetiva, p. 182.

igrejas Ortodoxas no mundo, representações das denominações das igrejas tradicionais da Reforma Protestante como a Anglicana, Batista, Luterana, Metodista e Reformada, bem como muitas igrejas unidas e independentes. Exceto a Igreja Católica<sup>2</sup> e algumas (mas não todas) igrejas evangélicas pertencem ao Concílio Mundial de Igrejas. Os romanos atuam conjuntamente com CMI em várias questões comuns relacionadas ao ecumenismo.

Além do trabalho na sede em Genebra, o Conselho Mundial de Igrejas tem realizado conferências mundiais de Fé e Ordem, Missão Mundial, Evangelismo e outros temas semelhantes. Mas, seus principais eventos são as assembléias<sup>3</sup> gerais, das quais oito têm acontecido até hoje.

- 1<sup>o</sup>) **Amsterdã** (Holanda – 1948): Entre 22 de agosto e 4 de setembro, mais de 350 delegados, representando 147 igrejas de 44 países, reuniram-se em Amsterdã. O tema foi *As desordens humanas e os desígnos de Deus*. Esta reunião completou a tarefa de criação de um conselho ecumênico internacional.
- 2<sup>o</sup>) **Evanston, Illinois** (EUA – 1954): com o tema *Cristo – esperança do mundo* reuniu 161 igrejas-membro. Os alvos do evangelismo foram: levar pessoas a um encontro pessoal com Jesus Cristo como Salvador e Senhor, sua incorporação a plena vida da igreja e a transformação da sociedade para conformá-la à intenção de Deus.
- 3<sup>o</sup>) **Nova Deli** (Índia – 1961), com o tema *Jesus Cristo – luz do mundo* reuniu 197 igrejas-membro. Foi a primeira assembléia a se reunir fora do ocidente. As igrejas ortodoxas orientais se uniram ao concílio mundial de igrejas em Nova Deli e a base de membresia foi expandida.
- 4<sup>o</sup>) **Uppsala** (Suécia – 1968), com o tema *Olhem! Eu faço novas todas as coisas* reuniu 235 igrejas-membro. Seis grupos de estudos se reuniram para discutir e corrigir documentos relacionados aos diferentes tópicos. O mais controverso foi o documento *Renovação em Missões*<sup>4</sup>.
- 5<sup>o</sup>) **Nairobi** (Quênia – 1975), como tema *Jesus Cristo Liberta e Une* reuniu 285 igrejas-membro. Em Nairobi a ênfase de Uppsala e Bangkok sobre o social e a dimensão horizontal é conservada, mas é melhor integrada com o espiritual e dimensão vertical. A frase "a igreja toda levando o evangelho todo as pessoas no mundo todo" apreende o tom da assembléia. O evangelho todo inclui tanto

<sup>2</sup> Desde 1961 a Igreja Católica Romana tem enviado observadores oficiais às assembléias gerais.

<sup>3</sup> A Assembléia é o "corpo legislativo supremo" do CMI e reúne-se a cada sete anos. O objetivo maior da Assembléia é revisar programas e determinar as políticas gerais do CMI, bem como eleger presidentes e indicar um Comitê Central que atue como o principal corpo deliberativo do CMI até a Assembléia seguinte.

<sup>4</sup> O documento *Renovação das Missões* coloca toda ênfase na dimensão "horizontal" de reconciliação na humanidade. Uppsala lançou um debate vigoroso que continuou na Conferência de Bangkok da Comissão sobre Missões Mundiais e Evangelismo, sobre o tema *Salvação Hoje* (1973). Aqui foram levadas mais longe as tendências de Uppsala. A salvação foi definida em termos predominantemente "horizontais", em um documento composto por Moltmann: "A salvação introduz a batalha por justiça econômica contra a exploração do povo pelo povo. A salvação introduz a batalha pela dignidade humana contra a opressão política dos seres humanos por seus semelhantes. A salvação introduz a batalha por solidariedade contra a alienação da pessoa. A salvação introduz a batalha de esperança contra desespero na vida pessoal". Um observador católico romano na conferência comentou: "Eu não tenho ouvido ninguém falar em justificação pela fé. Eu não tenho ouvido falar sobre vida eterna. E quanto à justa ira de Deus contra o pecado?"

reconciliação com Deus como a "responsabilidade de participar de uma batalha por justiça e dignidade humana". A missão é a confissão de Jesus Cristo tanto por palavras como por atos.

- 6º) **Vancouver** (Canadá – 1983) com o tema *Jesus Cristo – a Vida do Mundo* reuniu 301 igrejas-membro. Este foi precedido em 1982 por um documento da Comissão sobre a Missão e Evangelismo intitulado *Missão e Evangelismo – Uma Afirmação Ecumênica*, que estreita mais a divergência entre o Conselho Mundial de Igrejas e a posição evangélica como descrita em linhas gerais no Congresso de Lausanne.
- 7º) **Canberra** (Austrália – 1991) com o tema *Venha, Espírito Santo – Renove Toda a Criação* reuniu 317 igrejas-membro. Aqui houve um enfoque sobre o Espírito Santo, mas de uma maneira que às vezes pareceu estar desvinculado da pessoa de Cristo. Uma cerimônia particular envolveu idéias xamanísticas coreanas e a invocação dos espíritos da "criatura da terra, ar, água e do mar". Os delegados ortodoxos orientais ficaram preocupados neste e em outros acontecimentos que publicaram uma declaração expressando preocupação no afastamento da base do CMI e das "interpretações cristãs bíblicamente baseadas" de várias doutrinas. Eles se perguntaram se o tempo havia chegado para os ortodoxos e outras igrejas reverem suas relações com o CMI.
- 8º) **Harare** (Zimbábue – 1998) com o tema *Volte-se para Deus, Regozije-se na Esperança* reuniu 336 igrejas-membro.

As ações do CMI têm propiciado um sentimento ecumênico dentre as diversas denominações cristãs. Cada vez mais há um espírito de cooperação e amizade. As igrejas, na maioria, reconhecem que elas não possuem a verdade toda e estão abertas a aprenderem umas com as outras. Observa Tony Lane que "até a Igreja Católica Romana tem modificado significativamente suas reivindicações anteriores de possuir a verdade toda. Os evangélicos estão divididos em sua atitude com o movimento de unidade ecumênica, mas a maioria está pronta para reconhecer os outros como cristãos iguais de quem eles podem aprender".

Como a 9ª Assembléia do CMI irá acontecer aqui no Brasil, o tema ecumenismo volta à pauta dos estudiosos, teólogos e líderes religiosos do Brasil.

## 2- O quadro atual

O quadro atual não é dos mais positivos. O ecumenismo, segundo **Gottfried Brakemeier**, depois de uma época de avanços sofre agora estagnação.<sup>5</sup> O rev. **Carlos Calvani** é da mesma opinião e chama a atenção em seu artigo "*Pezinho pra frente, pezinho pra trás*" – reflexões de um anglicano sobre o ecumenismo<sup>6</sup> para a inflexibilidade da Igreja Católica Romana quando se fala de ecumenismo. Não obstante devemos apontar também que existe no meio protestante uma grande resistência à proposta ecumênica. Começemos examinando a resistência romana.

<sup>5</sup> Artigo *Ecumenismo, Sociedade e Missão: reflexões sobre o caminho da unidade* de Gottfried Brakemeier.

<sup>6</sup> Esse artigo está disponível no site do Centro de Estudos Anglicanos (CEA – [www.centrodeestudosanglicanos.com.br](http://www.centrodeestudosanglicanos.com.br)).

## 2.1. A resistência romana

Inicialmente, o movimento ecumênico começou entre diversas denominações protestantes. O processo de fissão em novas denominações, que marcou o Protestantismo desde a Reforma, começou, por volta de 1800, a dar lugar à efusão de denominações em novos grupos. Integração, ou ecumenismo, começando no século XIX, substituiu a expansão missionária nas mentes de muitos.

Com o tempo as igrejas ortodoxas passaram a participar do movimento. Depois da Segunda Grande Guerra, e, em especial, durante o Concílio Vaticano II, os católicos romanos empenharam-se ativamente no movimento.

Por que a Igreja Católica passou a participar do movimento ecumênico? Primeiro devemos chamar a atenção para o fato dos católicos não pertencerem ao CMI, ou a qualquer órgão que promova o ecumenismo. Por que? Se eles o fizessem estariam colocando a Santa Igreja ou lado de tantas outras igrejas cristãs<sup>7</sup>, e isso é exatamente aquilo que eles não creem, que existiam outras igrejas ao lado da romana.

Esse sentimento está expresso no Decreto sobre o ecumenismo (*Unitatis Redintegratio*). Pode-se contemplar no documento o forte sentimento tendencioso da Igreja Católica julgar-se "a" Igreja. Os romanos demonstram aquele velho exclusivismo expressado já por Cipriano:

*"Se um galho é quebrado de uma árvore, ele não pode brotar; se uma corrente é cortada de sua fonte, ela seca... Tampouco aquele que abandona a Igreja de Cristo pode alcançar a recompensa de Cristo. Ele é um estranho, é um inimigo. Sem a igreja como sua mãe, você não pode ter Deus como seu Pai. Se fosse possível escapar fora da arca de Noé, então pode ser possível escapar fora da Igreja... Há apenas um batismo, mas eles [os cismáticos] acham que podem batizar. Embora abandonem a fonte da vida, prometem a graça de água viva e salvadora. Os homens não podem ser lavados lá, eles são sujados; os pecados não são expurgados, são acumulados. Este nascimento faz filhos não para Deus, mas para o diabo... Eles imaginam que têm Cristo com eles, quando se reúnem fora de sua Igreja? Espera-se que estes homens sejam mortos por confessarem o nome de Cristo. A mancha [do cisma] nem mesmo é tirada pelo sangue [do martírio]; o penoso pecado impredoável da discórdia não é nem mesmo expurgado pelo sofrimento. Você não pode ser mártir fora da Igreja" (A Unidade da Igreja 5, 6,11,13,14 – Cipriano).*

O *Unitatis Redintegratio* expressa o mesmo pensamento:

*"Entretanto, os irmãos de nós separados, tanto os indivíduos como suas comunidades e igrejas, não gozam daquela unidade que Jesus Cristo quis prodigalizar a todos que regenerou e conviveu num só corpo e em novidade de vida e que as Sagradas Escrituras e a venerável Tradição da Igreja professam. Somente através da Igreja católica de Cristo, auxílio geral de salvação, pode ser atingida toda a plenitude dos meios de salvação. Cremos também que o Senhor confiou todos os bens do Novo Testamento a um único Colégio apostólico, à cuja testa está Pedro, a fim de constituir na terra um só corpo de Cristo, ao qual é necessário que se incorporem plenamente todos os que, de alguma forma, pertencem ao povo de Deus" (UR 3e).*

<sup>7</sup> Coloco o "i" maiúsculo quando em referência aos romanos propositalmente a fim de lembrar o Decreto sobre o Ecumenismo.

Para os romanos, as igrejas separadas da comunhão católica são eclesialmente carentes. Para eles a unidade dos cristãos deverá ser feita em torno da Igreja Católica Romana, sendo que, essa unidade implica no reconhecimento e submissão à autoridade do Papa, sucessor de Pedro.

O que se está percebendo nos católicos romanos é o anseio pela recuperação daquela unidade perdida na reforma, ou seja, o retorno dos irmãos separados ao seio da Igreja mãe.

Esse não é um sentimento exclusivo da Católica Romana. Como ressalta Brakemeier, o modelo da "união orgânica", há tempos atrás em discussão no CMI, pensou em moldes semelhantes. Conforme essa proposta, as denominações deveriam sumir para dar espaço a um novo corpo, ou seja, uma nova corporação. O objetivo do ecumenismo consistiria na criação de uma mega-instituição global, incorporando toda a cristandade.<sup>8</sup>

O diálogo ecumênico também foi preocupação constante de João Paulo II que no final de sua encíclica *Ut unum sint*, se pergunta qual poderia ser a "contribuição da Igreja católica na busca da unidade dos cristãos". Contudo, pensou nos mesmos moldes de Cipriano e do Decreto sobre o ecumenismo: a Santa Igreja Romana é a única a qual deve permanecer a existir.

Esse pensamento pode ser constatado nessa mesma encíclica. Em dois parágrafos, ele relembra antes de tudo que nela, a Igreja Católica Romana, e somente nela, se encontra a "plenitude dos meios de salvação" (n. 86; Ev 14/2852), e afirma depois que os intercâmbios entre cristãos ainda separados expressam "a lei evangélica da partilha" (n. 87; EV 14/2853). Depois disso, o essencial da sua resposta, nos dez parágrafos seguintes, é dedicado ao ministério de Pedro (ns. 88-97; EV 14/2854ss.).<sup>9</sup>

O documento *Dominius Iesus*<sup>10</sup> elaborado pelo Cardeal **Joseph Card Ratzinger** (hoje Papa Bento XVI), reafirmou a superioridade e exclusividade da Igreja de Roma, ou seja, retornamos para o tempo do "*extra ecclesia nulla salus*" (como vimos acima em Cipriano). Ratzinger diz:

*"ninguém pode dizer que a Igreja Católica é irmã de uma igreja particular ou de um grupo de igrejas. Essa não é meramente uma questão de terminologia, mas acima de tudo, diz respeito a uma verdade da fé católica... A expressão 'igrejas irmãs' deve ser usada apenas em referência àquelas comunidades eclesiais que preservaram o episcopado válido e a Eucaristia".*

Sendo assim, ecumenismo para os católicos é o retorno dos "irmãos separados" ao seio da grande Igreja Católica. Pelos documentos que mostramos acima extrai-se o seguinte sentimento dos romanos: eles são a única Igreja instituída por Cristo e só entraram nessa "onda" de ecumenismo para abarcar os irmãos separados.<sup>11</sup>

<sup>8</sup> BRAKEMEIER, op. cit.

<sup>9</sup> Hervé Legrand, O Ministério do Papa: primado e colegialidade no Vaticano II, disponível no site da Ciberteologia.

<sup>10</sup> Concordo com o Reverendo Carlos Calvani quanto ao documento fazer parte de um jogo político de bastidores em torno da sucessão de João Paulo II.

<sup>11</sup> Seria um processo semelhante a fagocitose celular.

## 2.2. A resistência protestante

Ao se falar de resistência ao ecumenismo, é inevitável a lembrança dos fundamentalistas. A pretensão de possuir a plenitude da fé ou de ser os "verdadeiros cristãos", não se restringe aos católicos. Essa pretensão sempre esteve presente também nas igrejas protestantes, especialmente nos grupos mais evangélicos, influenciados pelo pietismo ou pelo fundamentalismo.

Com a exceção dos anglicanos e dos luteranos, os protestantes, são os que se apresentam mais inflexíveis à proposta ecumênica.

A certeza que o protestantismo possui de ser o único dono do conhecimento absoluto os leva a ter uma atitude nada nobre: o orgulho intelectual. Eles declaram: "Nós possuímos a verdade, os outros estão nas trevas". "Nós detemos o monopólio do conhecimento, portanto, falamos, sem vacilações nem concessões". Isso é o que foi mostrado no documento *Chamam-se Cristãos*, resultado do encontro patrocinado pelo Comitê de Lausanne em 1980, na cidade de Pattaya (Tailândia). Nas definições ali apresentadas, não há possibilidade para que alguém que não tenha passado pela experiência emocional da conversão possa afirmar-se cristão. Decorre dessa definição, que, os católicos não podem ser denominados cristãos, pois não passaram pela experiênciada conversão.

Brakemeier mostra com muita propriedade as dificuldades inerentes ao processo ecumênico. Os critérios de unidade são diferentes:

- a) Para a Igreja Católico-Romana o critério de unidade é o ministério episcopal encabeçado pelo bispo de Roma. Sem papa não existe Igreja.
- b) Para as igrejas protestantes o princípio da unidade é a pura doutrina.
- c) Para as igrejas ortodoxas prevalece o critério da "tradição" de que elas mesmas se sabem guardiães.
- d) Para os pentecostais não interessa nem a estrutura, nem mesmo a doutrina ou a tradição. O importante é o batismo com o Espírito Santo, isto é uma experiência mística.

Diante desse quadro, Calvani, conclui:

*"No final das contas, evangélicos e católicos são bastante iguais na presunção como interpretam a si mesmos e como interpretam uns aos outros. A plenitude da graça, a verdade bíblica ou a salvação está sempre segura em suas mãos. Os católicos depositam sua segurança na objetividade da Igreja enquanto instituição. A fonte de sua verdade-de-fé é a eclesiologia. Já os evangélicos depositam sua segurança na subjetividade da conversão. A fonte de sua verdade-de-fé é a soteriologia interpretada em moldes pietistas e wesleyanos".<sup>12</sup>*

Isto explica as investidas radicalmente antiecumênicas que têm caracterizado o protestantismo.

---

<sup>12</sup> CALVANI, op.cit.

O ecumenismo é uma atitude que pressupõe uma grande dose de humildade intelectual. Quem o busca deve declarar: "Não possuo a verdade toda". "Há outras formas de se entender o mesmo horizonte histórico". "É necessário escutar". Brakemeier chama atenção:

*"Quem resiste a ouvir os argumentos do parceiro e à possibilidade de eventualmente ser por eles enriquecido ou questionado, está de antemão desqualificado. Transformou o diálogo em monólogo e enveredou pela via 'fundamentalista'. A disposição para aprendizagem ecumênica, o intercâmbio de dons, o conhecimento mútuo são premissas indispensáveis para o sucesso na busca da unidade".*

E isso não é demonstrado pelo protestantismo, principalmente pelos fundamentalistas. Sendo assim, os protestantes se fazem num grande empecilho ao ecumenismo.

### **3- A participação positiva da Igreja Católica Romana no movimento ecumênico**

O decreto sobre o ecumenismo reconheceu que "o amor e a veneração e o quase culto das Sagradas Escrituras levam nossos irmãos a um constante e cuidadoso estudo da Página Sagrada... Invocando o Espírito Santo, nas próprias Sagradas Escrituras, procuram a Deus, que lhes fala em Cristo...". Embora os Padres Conciliadores reconhecessem que os protestantes "pensam diferentemente de nós... sobre a relação entre as Escrituras e a Igreja... no entanto, no próprio diálogo as Sagradas Letras são exímios instrumentos na poderosa mão de Deus para a consecução da unidade que o Salvador apresenta a todos os homens".<sup>13</sup>

Portanto, comenta Joseph A. Fitzmyer que, "a Igreja católica reconheceu oficialmente o papel importante que a Escritura desempenha no movimento ecumênico precisamente porque é instrumento exímio na mão de Deus na luta pela unidade cristã".<sup>14</sup>

**Joseph Card Ratzinger** acredita que a unidade da Igreja depende diretamente da Escritura. Pensa ele que "se todos os homens se dispusessem a viver da Bíblia ter-se-ia dado um passo importante na direção da unidade. Se isso vale para a grande família humana, vale com maior força para a própria Igreja. A cristandade acha-se dividida em muitas comunidades de confissões diferentes. Lamenta ela profundamente esta cisão e anseia ardentemente pela unidade da única Igreja de Cristo. Não constitui a Escritura uma esperança e um estímulo? Não é ela, especialmente o Novo Testamento, reconhecida por todos como fundamento e norma da sua fé? Certamente muitas vezes na sua história a cristandade suportou a amarga experiência de hereges que apelavam para a Escritura; ela se presta, com efeito, a falsas interpretações, contra as quais não tem proteção. O Concílio Vaticano II manifestou, no entanto, a firme esperança de que seja possível, baseando-se na Bíblia, estabelecer com os irmãos separados uma colaboração que prepare a unidade. A Igreja convida a fazer traduções da Bíblia em comum, tendo por base o mesmo texto original, e espera que deste trabalho provenha uma leitura e uma compreensão comuns, fundadas na mensagem à qual

<sup>13</sup> Ibid., § 21, p. 329.

<sup>14</sup> FITZMYER, Joseph A., *Escritura, a alma da teologia*, São Paulo: Loyola, 1997, p. 92.

todos se sentem vinculados. Pode-se afirmar que neste campo tentou-se um novo avanço, abriu-se uma porta e que as iniciativas práticas podem ser o sinal de desenvolvimentos teológicos de grande alcance. Está, pois, em consonância com a Bíblia a grande esperança que ela, sendo um bem comum de todos, prepare o caminho para a unidade. Se a cristandade se reunificar em torno da palavra de Deus, a Escritura poderá exercer uma função unificadora também na humanidade. Para atingir esta meta é necessário ouvir ainda muitas vezes a palavra de Deus com paciência, respeito e desapego de si mesmo".<sup>15</sup>

Pelo que vimos do pensamento de Ratzinger, a Escritura está em relação direta com a unidade da Igreja e com o sucesso do ecumenismo. Ele tem razão em afirmar isso. O diálogo ecumênico não ocorre devido a supervalorização pelas denominações cristãs dos detalhes doutrinários. Wayne Grudem tem uma posição muito sensata sobre essas divergências doutrinárias, ele diz:

*"Os assuntos doutrinários que têm dividido as denominações protestantes evangélicas são quase sempre assuntos nos quais a Bíblia coloca relativamente pouca ênfase e outros sobre os quais são tiradas conclusões muito mais em razão de inferências habilidosas que de afirmações bíblicas diretas. (...) É irônico e trágico que líderes denominacionais com frequência gastem muito tempo de sua vida defendendo precisamente os pontos doutrinários de menor importância que fazem com que suas denominações difiram das outras."*<sup>16</sup>

Não quero dizer que para o início do diálogo ecumênico deve-se procurar uma uniformização doutrinária, no entanto, devem existir pesquisas e estudos conjuntos da Palavra de Deus. Contudo, um dos fatores negativos para um empreendimento teológico conjunto são os diversos métodos hermenêuticos.

O relativismo propõe que não existe apenas uma verdade e sim inúmeras verdades. A verdade se torna meramente subjetiva, ou seja, é apenas uma opinião. Isso afeta diretamente a Igreja, pois ela se diz portadora de uma mensagem universal, inegociável, de validade absoluta. Hirsch discute as dificuldades do relativismo:

*"Quando os críticos baniram o primitivo autor, eles próprios, usurparam-lhe o lugar [como quem determina o significado], e isto levou infalivelmente a algumas das confusões teóricas da época presente. Onde antes havia tão-só um autor [um determinante do significado], surgiu agora uma multiplicidade deles, cada qual trazendo consigo tanta autoridade quanto o seguinte. Banir o primitivo autor como o determinante do significado era rejeitar o único princípio normativo obrigatório que poderia emprestar validade a uma interpretação... Porque se o significado de um texto não é o do autor, então não há interpretação que possa corresponder ao significado determinado ou determinável."*<sup>17</sup>

Brakemeier comenta que "o recuo ecumênico se deve em boa medida à oposição ao relativismo desinteressado em formular normatividade. Mas o teólogo observa também que o relativismo

<sup>15</sup> Joseph Schreiner. *Forma e Exigências do Novo Testamento*. São Paulo: Editora Teológica, 2004, p. 450s.

<sup>16</sup> Wayne Grudem. *Manual de Teologia Sistemática: uma introdução aos ensinamentos fundamentais da fé cristã*. São Paulo: Editora Vida, 2001, p. 83s.

<sup>17</sup> HIRSCH, E. D., *Validity in Interpretation* [New Haven: Yale University, 1967], pp. 5-6.



provoca a reação fundamentalista e que o ecumenismo se oferece como alternativa tanto ao fundamentalismo quanto ao relativismo. Nem violência fundamentalista nem indiferença relativista promovem conduzir àquela unidade que Jesus almeja para os seus discípulos. Segundo Brakemeier o ecumenismo procura o 'consenso', a diversidade reconciliada, a cooperação conjugada dos membros no mesmo corpo. Que ecumenismo exigisse a renúncia à verdade como preço da fraternidade é um trágico mal-entendido. Não se constrói unidade resistente dessa maneira, assim como não se alcança o objetivo mediante imposição autoritária do mundo doutrinal particular de determinado grupo. Ecumenismo precisa de uma atmosfera de liberdade, de parceria enganjada na busca comum de autenticidade evangélica".<sup>18</sup>

Diante do que vimos acima, concluímos que as Escrituras possuem um papel fundamental para o ecumenismo. Fitzmyer diz que a Escritura tem, verdadeiramente, desempenhado um papel importante como ponte em uma área do ecumenismo contemporâneo.<sup>19</sup>

#### 4- O diálogo ecumênico

Muitos pontos foram e estão discutidos ecumenicamente. Todavia, como ressalta Brakemeier "consensos doutrinários entre protestantes e católicos permanecem ineficientes, enquanto não reconhecido o privilégio do sucessor de Pedro". Sendo assim, o mais polêmico tópico do debate envolve a validade do ministério papal.

O próprio Ratzinger afirma que a Escritura é "a fonte da juventude da qual a teologia tira uma força perene"<sup>20</sup> e alerta do perigo do método anterior utilizado pela teologia católica antes do II Vaticano. Ele diz que o método anterior:

*"levava a considerar a Escritura fundamentalmente sob o único aspecto de prova de afirmações preexistentes, sendo raro que se desenvolvesse um argumento na perspectiva própria da Escritura ou que se fosse buscar na Bíblia questões novas, não previstas nas afirmações doutrinárias da Igreja".*

Mesmo criticando o método hermenêutico antigo de Roma, Ratzinger recorre a ele para justificar a superioridade da Igreja Católica Romana.<sup>21</sup> Essa superioridade é apoiada em grande parte na instituição do papado. Como afirma o Reverendo Calvani o método histórico-crítico acaba com as pretensões da Igreja Católica Romana em apoiar o papado na Bíblia.

Pedro é o discípulo mais freqüentemente mencionado, o mais ativamente empenhado e, por conseguinte, o mais proeminente dos Doze. Todos os quatro Evangelhos (Atos também) apresentam Pedro como o porta-voz e líder dos discípulos em geral ou dos Doze em particular. Pedro aparentemente se tornou um ponto de referência para outros discípulos e um chefe da igreja de

<sup>18</sup> Artigo *Ecumenismo, sociedade e missão: reflexões sobre o caminho da unidade*, Gottfried Brakemeier.

<sup>19</sup> FITZMYER, op. cit., p. 109.

<sup>20</sup> Schreiner, op. cit., p. 445.

<sup>21</sup> Ver artigo *Dominius Iesus* de Ratzinger não é com certeza o Senhor Jesus, o Filho de Deus presente na Igreja – considerações sobre o documento "Dominius Iesus" de Lauri José Wollmann. Artigo disponível no site do Centro de Estudos Anglicanos.

Jerusalém em seus primeiros dias (Gl 1.18; 2.7-9; At 1.12). Após ser preso algumas vezes, deixou Jerusalém e dedicou-se ao trabalho missionário fora da Palestina, certamente em Antioquia (Gl 2.11-14) e possivelmente em Corinto (1 Co 1.12; 3.22).

O Novo Testamento insinua sua morte como mártir (Jo 21.18-19), e é possível que 1 Pd 5.13 (cf. 2 Pd 1.13-15; 3.1), além de além de antigos testemunhos patrísticos como 1 Clemente (5.4) e Inácio em sua carta aos romanos (4.3), aponte Roma como o local da execução. A tradição posterior da igreja situou o martírio de Pedro na colina do Vaticano. Resultados de escavações arqueológicas realizadas nas décadas de 1940 e 1950 sob a Basílica de São Pedro em Roma consideram o local compatível, embora nem todos os estudiosos os aceitem como prova de que Pedro foi enterrado na necrópole do Vaticano descoberta sob a Basílica. Particularmente acho difícil acreditar em tal descoberta arqueológica.<sup>22</sup>

A fim de chegarmos na questão do papado iremos ver se Pedro realmente, em algum momento do ministério público, fez alguma notável profissão de fé em Jesus. Acho muito provável que sim, pois mesmo em contextos diferentes e com palavras diferentes, Marcos (8.27-29) e João (6.67-69) descrevem Pedro declarando sua fé quando Jesus questiona os discípulos sobre sua fé nele ou seu compromisso com ele. Mateus e Lucas basicamente acompanham Marcos, mas o relato de cada evangelista para a confissão de Pedro difere nas palavras, assim como no contexto.<sup>23</sup> Fica claro que cada evangelista moldou a cena da confissão de Pedro de acordo com seus próprios interesses teológicos. Entre todas as diferenças, especialmente as enormes entre os Sinóticos e João, a concordância básica em um ponto é tanto mais surpreendente: em um momento crucial de seu ministério, Jesus fez aos discípulos uma pergunta para sondar sua fé ou seu compromisso. Pedro respondendo pelo grupo, proclamou sua fé em Jesus usando algum título ou designação santificados, tirados do Antigo Testamento ou da tradição judaica.<sup>24</sup>

O nosso problema não está na profissão de Pedro e sim na resposta dada por Jesus a Pedro.

*–Feliz és tu, Simão, filho de Jonas!*

*Porque não foi alguém de carne e sangue que te revelou isso, e sim meu Pai do céu.*

*Pois eu te digo que tu és Pedro e sobre esta Pedra construirei minha igreja, e o império da morte não a vencerá. A ti darei as chaves do reino de Deus: o que atares na terra ficará atado no céu; o que desatares na terra ficará desatado no céu (Bíblia do Peregrino).*

*Feliz é você, Simão, filho de Jonas! Porque isto não lhe foi revelado por carne ou sangue, mas por meu Pai que está nos céus. E eu lhe digo que você é Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do Hades não poderão vencê-la. Eu lhe darei as chaves do Reino dos céus; o que você ligar na terra terá sido ligado nos céus, e o que você desligar na terra terá sido desligado nos céus (Bíblia NVI).*

<sup>22</sup> Cullmann também permanece cético em relação a essa questão. Mondin, op. cit., p. 236.

<sup>23</sup> Para ver as diferenças de cada relato, John Paul Meier, *Um Judeu Marginal: repensando o Jesus histórico, vol III, Livro I*, Rio de Janeiro: Imago, 2003, p. 240s.

<sup>24</sup> Meier, op. cit., p. 241.

Alguns problemas na utilização do termo *ekklésia* nos fazem repensar essa passagem:

1<sup>o</sup>) *Ekklésia* [=igreja] apenas é usada por Mateus três vezes no seu evangelho e nenhuma nos demais. Portanto, o uso do termo por Mateus pode ser uma retroprojeção do evangelista Mateus.<sup>25</sup>

2<sup>o</sup>) O Jesus histórico não pretendia "salvar almas" em um sentido individualista, mas reunir todo Israel em preparação para o advento final do reino de Deus. Sua missão era profética, focalizada sobre todo o povo de Deus, não sobre indivíduos e não, como na seita de Qumrã, sobre fiéis remanescentes isolados da massa pecadora de israelitas.<sup>26</sup>

3<sup>o</sup>) Não devemos ver eclesiologia cristã no sentido original de *ekklésia*. Na boca de Jesus, a palavra não significa a posterior igreja cristã, local ou universal, mas sim o povo de Israel reunido para ouvir e adorar Deus, como havia feito no deserto após o êxodo. Meier observa que no século I d.C. , dificilmente os cristãos teriam um monopólio da palavra grega *ekklésia*. Esse termo ocorre cerca de 96 vezes na Septuaginta,<sup>27</sup> que é usada em referência à congregação de Israel. Nos círculos gregos dos tempos de Jesus, denotava a assembléia de cidadãos livres e votantes de uma cidade (cf At 19.32,39,41).

Mas não é só isso. A autoridade de Pedro calcada na imagem das chaves deveria ser exercida sobretudo para ensinar ao Israel do fim dos tempos a verdadeira vontade de Deus, ou seja, o que era permitido, ou não, fazer de acordo com a Lei de Deus. Esse poder está resumido nas metáforas associadas de ligar (declarar uma ação lícita ou válida) e desligar (declarar uma ação ilícita ou inválida). O ensinamento autorizado de Pedro, dirigido a Israel aqui na terra, seria ratificado por Deus no céu e, portanto, seria uma defesa segura contra poderes hostis do pecado e da morte em sua tentativa de destruir a reunião escatológica.<sup>28</sup>

Erra quem acha que esse poder de ligar e desligar (excomunhão e readmissão) apenas foi concedido a Pedro. Vejamos a passagem a seguir:

*Se teu irmão de ofende, vai admoesta-o tu e ele a sós. Se não te dá atenção, faze-te acompanhar de um ou dois, para que o assunto se resolva por duas ou três testemunhas. Se não lhes dá atenção, informa-o à comunidade. E se não dá atenção à comunidade, considera-o um pagão ou um coletor. Eu vos asseguro que o que ligardes na terra ficará ligado no céu, o que desligardes na terra ficará desligado no céu (Mt 18.15-18 – Bíblia do Peregrino).*

**Luís Alonso Schökel** afirma que os responsáveis pela comunidade têm o direito de excluir ou excomungar (ver também 1 Co 5.5s.). **John Paul Meier** diz que a autoridade que Pedro recebe diretamente de Jesus se estende de modo claro a toda a igreja sem restrição.

**Cullmann** defende a historicidade da passagem de Mt 16.17ss. Vendo sua posição, constatamos que mesmo sendo admitida a historicidade do texto e o vendo isoladamente, mesmo assim o papado

<sup>25</sup> John Paul Meier não acredita que o Jesus histórico tenha proferido o termo igreja (ou minha igreja).

<sup>26</sup> Meier, op. cit. , p. 242.

<sup>27</sup> Meier, op. cit., p. 243.

<sup>28</sup> Meier, op. cit., p. 244.

não é justificado por ela. O teólogo diz que o texto significa que Jesus prometeu a Pedro que ele seria o fundamento do povo de Deus nesta terra e, através dele, do Reino de Deus. Pedro deveria assumir a direção da atividade apostólica e da organização do povo de Deus. Mas, segundo Cullmann, essa posição particular cessa com a morte de Pedro. Trata-se de primado no interior da Igreja primitiva, uma promessa única e que não pode ser repetida, para não ser transmitida a nenhum bispo. Cullmann, portanto, conclui que as pretensões de primado da Igreja católica romana não encontram nenhuma justificação no Novo Testamento, mas se baseiam exclusivamente numa tradição particular.

O papado somente pode ser entendido e justificado como parte do processo evolutivo da Igreja. Descrevendo brevemente a história do cristianismo, temos que, após a morte e ressurreição de Jesus, não havia ainda uma *ekklésia* a qual se reunia a fim de celebrar culto a Jesus (o relato da última ceia pode ser interpolação posterior), portanto, não tínhamos ali algo organizado, a comunidade primitiva era uma seita do judaísmo, uma comunidade escatológica. Somente após ingressar em terreno pagão que houve a necessidade da fé nascente reforçar seus laços e rituais. Houve uma grande mudança na fé cristã. A partir daí a comunidade se transforma em Igreja e há cada vez mais a necessidade de uma estrutura fixa, organizada e centralizada. Apenas no século II o cristianismo atinge um grau de organização próprio de uma religião, as funções deixam de ser vinculadas aos dons carismáticos e as decisões são centralizadas no bispo, o qual passa a controlar uma determinada religião. Com a oficialização do cristianismo e a sua ascensão a religião oficial, houve a necessidade de um único representante junto ao Imperador, assim surgiu o papa. A instituição do papa é fundamental para um cristianismo universal, para uma fé coesa e uniforme. Ela deve existir. Necessário também se faz um centro detentor de poder (como a cabeça) e as várias partes do corpo (os membros). Esses membros são os bispos os quais devem representar o papa em todos os lugares onde se encontra a fé cristã. Analogicamente podemos comparar esse sistema com o parlamentarismo, onde o papa seria o primeiro ministro.

Portanto, a maior parte daqueles que anematizam a instituição do papa, obrigatoriamente, devem aceitar a instituição como parte do processo evolutivo da Igreja.

Outro problema que muitos ressaltam é a questão da infalibilidade do papa. A maior parte dos críticos do dogma não possuem conhecimento de causa. O papa é infalível, afirmou o Concílio do Vaticano I (1869-1870). Vejamos a declaração do Concílio:

*"Fielmente aderindo à tradição recebida desde o início da fé cristã, para a glória de Deus nosso salvador, a exaltação da religião católica e a salvação do povo cristão, com a aprovação do sagrado concílio, nós [isto é, Pio IX] ensinamos e definimos que este é um dogma divinamente revelado que: o pontífice romano, quando ele fala ex-cátedra (isto é, quando em cumprimento do ofício de pastor e doutor de todos os cristãos e pela virtude de sua suprema autoridade apostólica, ele define uma doutrina concernente a fé ou moral a ser crida pela igreja universal) pela assistência divina prometida a ele no bendito Pedro, é possuído daquela infalibilidade com a qual o divino redentor quis que sua igreja fosse dotada por definir a doutrina concernente à fé e moral. Portanto tais definições do pontífice romano são irreformáveis em si mesmas, e não do concílio da Igreja.*

*Mas se alguém (que Deus o previna) presumir contraditar esta nossa definição, seja anátema" (A Igreja de Cristo, Capítulo 6).*

Antes de podermos avaliar esse dogma, devemos saber no que ele consiste. Há vários pontos a serem notados. Em **primeiro lugar**, são apenas os pronunciamentos solenes "ex-cátedra" que são infalíveis. Em **segundo lugar**, a infalibilidade se estende apenas à área de teologia e ética. Em **terceiro lugar**, a infalibilidade do papa é imediata, de Deus. O decreto não requer que ele consulte ou ouça a igreja e sua infalibilidade não é dependente da aprovação dos bispos ou da igreja. Em **quarto lugar**, há uma reivindicação de estar seguindo a tradição do princípio.

Não vejo nada que não seja aceitável para o homem moderno e para nós cristãos aceitarmos, afinal, se o papa é a figura central que representa a unidade da Igreja suas atitudes devem ser levadas em consideração, Claro que deve haver um equilíbrio, uma divisão de poderes e funções, pois como observou Rousseu ... Destarte, o problema está no homem, como já percebemos na atitude de Pio em resposta a um dos bispos no concílio: "Tradição? Eu sou a tradição".<sup>29</sup>

O Concílio do Vaticano II (1962-1965) procurou corrigir o desequilíbrio do Primeiro Concílio do Vaticano, que coloca toda a sua ênfase sobre a absoluta soberania do papa. Se o Vaticano I enfatizou o papel do papa como sucessor de Pedro, o Vaticano II retratou a ordem dos bispos como "o sucessor para o colégio dos apóstolos em autoridade de ensinar e governo pastoral". O colégio ds bispos tem supremo e pleno poder sobre a Igreja universal, mas apenas "junto com seu cabeça", o pontífice romano, e nunca sem ele". É o papa que tem poder pleno, supremo e universal sobre a Igreja e que pode exercê-lo livremente.

## 5- Conclusão

De tudo que expomos nesse estudo, podemos concluir que o ecumenismo está cada vez mais longe de acontecer e isso ocorre não somente por falta de vontade dos diversos líderes denominacionais, mas por um conglomerado de razões que fogem da alçada religiosa. Tudo que cria um abismo entre povos, culturas e etnias, automaticamente contribui para o isolamento denominacional e até regional das igrejas. As condições socio-econômicas, a história e a geografia regionais, o nível cultural da população, o índice de desemprego, a renda média de um povo, tudo isso contribui para o insucesso ecumênico. Não obstante, o orgulho, a prepotência e o sentimento exclusivista favorecem ao rompimento do diálogo, ou melhor, do sussurro ecumênico que ainda existe hoje.

O reverendo Calvani expressa dessa forma não um quadro pessimista do futuro do ecumenismo, mas realista. Se não houver uma mudança drástica na forma de pensar dos cristãos de todo o mundo esse será mais um projeto brilhante, bem intencionado e sério que jamais irá acontecer.

---

<sup>29</sup> Tony Lane, *Pensamento Cristão*, São Paulo: Abba press, p. 171.

Devemos lembrar que todas as confissões cristãs estão reunidas em uma só profissão: Jesus é o Cristo. O resto são detalhes. Deixemos os detalhes com Deus.

